

Ensaio: **Tecendo Reflexões sobre Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa a Partir do Cinema**

*Essay: **Reflections About the Possibility of Existence for Corporate Social Responsibility Derived From Films***

Fernando Antonio Prado Gimenez¹

Resumo

A sustentabilidade é uma questão central em nossa sociedade contemporânea. A Administração, enquanto campo de conhecimento voltado para a produção coletiva organizada tem desenvolvido várias abordagens para institucionalizar a preocupação com a sustentabilidade em sua prática. Uma das formas de lidar com essa questão é apresentada pela abordagem da Responsabilidade Social Corporativa. Eu apresento, nesse texto, reflexões sobre a possibilidade de existência concreta da Responsabilidade Social Corporativa a partir de minha experiência como espectador cinematográfico. Nessas reflexões aponto para limites e contradições entre sustentabilidade, responsabilidade social corporativa e nosso modo de vida ocidental.

Palavras-chave: responsabilidade social corporativa, sustentabilidade, cinema

Abstract

Sustainability is a central issue in contemporary society. Management studies, as a field of knowledge directed towards the organized collective production, has developed many approaches to institutionalise the awareness of sustainability and its practices. One way to deal with this issue is through Corporate Social Responsibility. I present in this essay reflections on the concrete possibility of Corporate Social Responsibility based on my experience as a film viewer. In these works, I highlight the limits and contradictions between sustainability, Corporate Social Responsibility and our Western way of life.

Keywords: corporate social responsibility, sustainability, film

¹ Possui doutorado pela Manchester Business School, University of Manchester, United Kingdom, mestrado em Administração pela Universidade de São Paulo - FEA/USP, Brasil, e graduação em Administração pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, Brasil. Professor Titular do Departamento de Administração Geral e Aplicada da Universidade Federal do Paraná - UFPR. E-mail: fapgimenez2009@hotmail.com.

Introdução

Será possível aprender sobre a sustentabilidade e a responsabilidade social corporativa a partir do cinema? Essa é a questão que me proponho ao escrever esse texto. Se você está lendo esse texto em uma revista acadêmica, é provável que eu tenha conseguido sensibilizar os editores sobre a possibilidade de escrever sobre responsabilidade social corporativa, aquela que considero a principal vertente da manifestação da preocupação com sustentabilidade no campo da administração de uma forma que, parafraseando Vinicius, não seja enfadonha, posto que tem emoção, mas que também não seja frouxa, posto que é racional. Se você espera um texto fiel à ortodoxia acadêmica, sugiro que pare por aqui. Mas, vai ficar curioso sobre o que vem a seguir. Não se irrite, meu caro leitor, ou minha prezada leitora! Essa é apenas mais uma escolha na vida. E, com certeza, não está entre as mais cruciais que você já enfrentou.

Minha relação com o cinema afeta meu modo de ver o mundo. Como professor de Administração, muitas vezes, assistir ao filme ultrapassa o prazer estético, extrapola a possível análise fílmica, ou o desfrute da linguagem cinematográfica, para ir atrás de uma compreensão da vida organizacional. Ao buscar um conhecimento mais aprofundado sobre cinema, desejo ir além do prazer cinéfilo. Almejo ser capaz de aprender a ver além daquilo que o cineasta me mostra, ou enxergar aquilo que me esconde. Ou ainda, apropriar do discurso cinematográfico um conhecimento relevante para a prática da Administração.

Nessa busca, a apreciação de um filme envolve perceber como diferentes perspectivas e modalidades cinematográficas envolvem algumas falsas dicotomias (Xavier, 1977). Ou seja, utilização de um discurso cinematográfico que envolve escolhas ou ênfases entre “transparência/textura, espetáculo/discurso, representação/desconstrução, realismo/vanguarda, continuidade/descontinuidade” (Xavier, 1977, p. 139). Assim, ao assistir a um filme procuro distinguir como este foi

tratado nessas dimensões. Mas, ao mesmo tempo, mesmo no filme cuja ênfase recaia sobre o espetáculo, encontro, às vezes, metáforas discursivas que me ajudam na reflexão sobre o conhecimento administrativo.

A compreensão de minha relação com o cinema foi elucidada quando li *Dialética do Espectador*, de Tomás Gutiérrez Alea, cineasta cubano famoso principalmente pelo seu *Memorias del subdesarrollo*, de 1968. A tese explorada pelo cineasta é de que a relação espetáculo-espectador é de natureza dialética, contrapondo razão e emoção, levando “a um enriquecimento espiritual do espectador e um maior conhecimento da realidade, a partir de uma experiência – uma vivência – estética” (Alea, 1984, p. 87), mas também estimulando uma visão crítica e novo posicionamento deste em face da realidade que o envolve.

Nesse mesmo sentido, Pereira (2004, p. 17-18) aponta que, para Pasolini, o cinema apresentava uma pulsação dinâmica, caracterizando um cinema existencial que traz

(...) para o centro do debate, a participação do espectador, muito antes de serem explicitadas as chamadas “estéticas da recepção”, isto é, o receptor é entendido por ele como um criador de sentido, um ativo partícipe do processo cinematográfico em sua concretização cotidiana.

Nos últimos seis meses, em diversos momentos, fui provocado por filmes de diferentes gêneros. Assisti-los, além da experiência visual prazerosa e da aprendizagem sobre o discurso cinematográfico, estimulou minhas reflexões sobre uma questão importante do meu principal campo de ação humana: a Responsabilidade Social Corporativa na Administração.

Estamos em busca de um desenvolvimento sustentável. Um desenvolvimento que, no dizer de Veiga (2008, p. 80-81):

(...) pode permitir que cada indivíduo revele suas capacidades, seus talentos e sua imaginação na busca da auto realização e da felicidade, mediante esforços coletivos e individuais, combinação de trabalho autônomo e heterônomo e de tempo gasto em atividades não econômicas (...) maneiras viáveis de produzir meios de vida não podem

dependem de esforços excessivos e extenuantes por parte de seus produtores, de empregos mal remunerados exercidos em condições insalubres, da prestação inadequada de serviços públicos e de padrões subumanos de moradia.

No campo da Administração, parece que a resposta a essa busca é a institucionalização da Responsabilidade Social Corporativa. É isso possível? Para alguns é! Por exemplo, Aligleri, Aligleri e Kruglianskas (2009) apresentam uma boa síntese da temática da gestão socioambiental, demonstrando como ela evoluiu a partir das premissas da responsabilidade social e do relacionamento com *stakeholders*. Para esses autores, “a preocupação com posturas socialmente corretas, ambientalmente sustentáveis e economicamente viáveis estará cada vez mais presente entre os temas de gestão”. (Aligleri, Aligleri & Kruglianskas, 2009, p. 8). Isso implica em dizer que há um desafio presente na gestão das organizações: observar o atendimento aos critérios de responsabilidades econômica, legal e filantrópica propostos por Carroll (1991).

Há cerca de três décadas, a academia e a sociedade têm buscado soluções para os problemas de poluição ambiental, desigualdades sociais e desenvolvimento. A busca tem sido de um chamado desenvolvimento sustentável, que se baseia em um tripé: desenvolvimento econômico viável, com preservação do mundo em que vivemos de forma a não prejudicar as gerações futuras e com solidariedade social, visando à diminuição das desigualdades. No que diz respeito às empresas, isso se manifesta em decisões que seguem os princípios da responsabilidade social corporativa, atendendo interesses de todos os *stakeholders*: proprietários, empregados, clientes, fornecedores, comunidade do entorno. Ou seja, todos que possam ser afetados, positiva ou negativamente, por ações da administração de uma empresa.

O que justifica a atenção cada vez maior a modelos administrativos relacionados à sustentabilidade é a busca de soluções para as ineficiências sistêmicas de nosso modo de vida ocidental, principalmente no que diz

respeito à desigualdade na distribuição de riquezas e condições de trabalho desumanizadas, além de danos ambientais oriundos da ação empresarial. Na administração, os princípios do desenvolvimento sustentável se refletem em discussões e proposições sobre justiça organizacional, ética nos negócios, gestão socioambiental, responsabilidade social corporativa, preocupação com os *stakeholders*, e outros temas. Em síntese, o desejo da sustentabilidade pode ser resumido na busca por uma vida confortável para todos, com uso consciente dos recursos naturais de que dispomos, preservando nosso planeta para as futuras gerações. Tudo isso com equidade social no acesso ao conhecimento e aos frutos da evolução do conhecimento humano.

Mas os desafios da sustentabilidade são enormes. E, especialmente, conflituosos com nossa forma de vida guiada pelo sistema capitalista de produção, acumulação e distribuição de riqueza. Nessa sociedade em que o princípio do lucro se sobrepõe ao princípio da equidade no bem viver para todos, a preocupação com práticas sustentáveis só estará presente enquanto estas contribuírem para o lucro crescente. Qualquer ameaça à lucratividade poderá reduzir os esforços da responsabilidade social corporativa. É isso que me faz indagar: é a sustentabilidade sustentável no nosso modo de vida contemporâneo? Em um mundo onde as paixões escapam ao domínio da temperança, será isso possível? Tenho sentimentos conflitantes sobre isso. Por um lado, muitas vezes, sou descrente. Por outro, algumas vezes, confiante. É sobre essa dualidade antagônica que alguns filmes me puseram a refletir e decidi colocar a reflexão nesse texto.

Qual a prioridade da sustentabilidade no mundo empresarial brasileiro?

Uma edição especial da revista semanal Carta Capital - As empresas mais admiradas no Brasil - publicada em 2012, apresenta a lista das

empresas mais admiradas em 48 setores de atividades empresariais no Brasil. As empresas são classificadas segundo a percepção de 1.212 executivos brasileiros e 1.000 latino-americanos, a respeito de sua aderência a treze fatores-chave que devem estar presentes na condução de ações empresariais. Esses fatores foram hierarquizados em termos de importância atribuída pelos executivos pesquisados, resultando na seguinte ordem: 1. Ética; 2. Inovação; 3. Qualidade de produtos e serviços; 4. Respeito pelo consumidor; 5. Solidez financeira; 6. Qualidade de gestão; 7. Desenvolvimento sustentável; 8. Compromisso com RH; 9. Responsabilidade social; 10. Notoriedade; 11. Capacidade de competir globalmente; 12. Compromisso com o país; e 13. A mais ativa/presente nas redes sociais.

As posições desses fatores-chave em 2011 foram um pouco diferentes. Inovação era o mais importante, seguida por qualidade de gestão e respeito pelo consumidor. Ética estava em quinto lugar, responsabilidade social em décimo e desenvolvimento sustentável foi o lanterna em 2011, já que a atuação ou presença em redes sociais não foi avaliada nos anos anteriores. Todavia, em 2010 e 2009, ética estava em primeiro lugar e inovação em terceiro. O que será que aconteceu com a ética empresarial em 2011?

Ao ver essa classificação, minha atenção foi despertada para a distância que há entre ética (o fator-chave mais importante) e desenvolvimento sustentável (sétima posição) e responsabilidade social (nona posição). Essa distância repetiu-se nos anos anteriores. Embora não haja na revista a explicitação dos significados de cada um desses fatores-chave, parece-me um pouco absurda a valorização da ética estar tão distante da valorização de responsabilidade social e desenvolvimento sustentável. Ora, se entendermos a ética como um comportamento humano dirigido pela busca do bem-estar coletivo, é pouco provável que este possa ocorrer sem que os outros dois valores estejam presentes.

Essa reflexão levou-me a explorar um pouco mais detalhadamente as informações presentes na publicação.

Em primeiro lugar, fui verificar como esses fatores-chave se posicionaram em cada um dos setores. Os dados disponíveis apresentaram a situação para 47 setores. O único setor em que não houve a medição da importância dos fatores-chave foi o de redes sociais. A posição da ética entre os fatores-chave variou de primeiro a sétimo lugar, sendo que em um único setor ela não surgiu como aspecto importante. A ética surgiu como o fator-chave mais importante em 15 setores, ficando em segundo lugar em outros 16 setores. A inovação aparece em primeiro lugar na classificação de 10 setores e em 8 setores no segundo lugar. A seguir, vem respeito pelo consumidor e qualidade de produtos e serviços com oito e seis primeiros lugares, respectivamente. Por fim, compromisso com desenvolvimento sustentável está em primeiro lugar em dois setores e responsabilidade social aparece apenas como segundo fator-chave em um setor.

A partir dessa primeira análise, resolvi fazer uma pontuação ranqueada dos fatores-chave em cada setor. Isso significou atribuir pontos para o fator-chave conforme sua posição na escala de importância, ou seja, 13 pontos para o primeiro lugar, 12 pontos para o segundo, 11 pontos para o terceiro e, sucessivamente, até 1 ponto para a décima terceira posição. Essa forma de tabulação revelou algumas coisas interessantes do ponto de vista da administração empresarial, apontando diferenças em relação ao posicionamento por percentual de importância atribuída pelos executivos que participaram da pesquisa. Ética manteve-se como o primeiro lugar na combinação dos pontos, mas inovação ficou em terceiro lugar, quase empatando com respeito pelo consumidor. Qualidade de produtos e serviços alterou sua posição de terceiro para quarto lugar. As posições ficaram assim: 1. Ética; 2. Respeito pelo consumidor; 3. Inovação; 4. Qualidade de produtos e serviços; 5. Solidez financeira; 6. Qualidade de gestão; 7. Compromisso com desenvolvimento sustentável;

8. Compromisso com RH; 9. Responsabilidade social; 10. Notoriedade; 11. Compromisso com o país; 12. Capacidade de competir globalmente; 13. A mais ativa/presente nas redes sociais.

Por fim, a análise do conjunto de fatores-chave permite sua classificação em três grupos distintos. Na minha percepção podem ser visualizados fatores-chave relacionados à forma de competição no mercado, à capacidade de competição e ao compromisso com a sustentabilidade da nossa sociedade.

No primeiro grupo, que pode ser entendido como associado a posicionamento competitivo das empresas de cada setor, encontram-se os fatores-chave: respeito pelo consumidor, inovação, qualidade de produtos e serviços e capacidade de competir globalmente. A presença em redes sociais entraria nesse grupo também, mas como esse fator-chave esteve presente em apenas 13 setores empresariais, frequentemente nas últimas posições, decidi excluí-lo da análise. Isso permitiu um equilíbrio no número de fatores-chave em cada grupo.

O grupo referente à capacidade de competição inclui quatro fatores-chave ligados a competências, recursos tangíveis e intangíveis: qualidade da gestão, solidez financeira, notoriedade e compromisso com RH.

O compromisso com a sustentabilidade da sociedade de forma mais ampla é representado também por quatro fatores-chave: ética, responsabilidade social, compromisso com desenvolvimento sustentável e compromisso com o país.

A soma dos pontos atingidos pelos fatores-chave em cada grupo evidenciou que a admiração das empresas pelos executivos ocorre principalmente pelos posicionamentos competitivos que enfatizam os aspectos mencionados acima: inovação, qualidade, respeito ao consumidor e competição global. O segundo aspecto de maior admiração é o das competências e recursos. A admiração das empresas devido a seu compromisso com sustentabilidade mais ampla da sociedade surge apenas em terceiro lugar. Veja os grupos e pontuação dos fatores-chave:

Grupo 1: Posicionamento competitivo (1.540 pontos - 37,1%)

Respeito pelo consumidor (487 pontos)

Inovação (483 pontos)

Qualidade de produtos e serviços (452 pontos)

Capacidade de competir globalmente (118)

Grupo 2: Competências e recursos (1.316 pontos - 31,7%)

Solidez financeira (411 pontos)

Qualidade de gestão (364 pontos)

Compromisso com RH (301 pontos)

Notoriedade (240 pontos)

Grupo 3: Sustentabilidade da sociedade (1.306 pontos - 31,5%)

Ética (546 pontos)

Compromisso com desenvolvimento social (335 pontos)

Responsabilidade social (282 pontos)

Compromisso com o país (143 pontos)

Para quem gostaria de ver a preocupação com a sustentabilidade como principal eixo norteador das decisões empresariais, estes dados são um pouco preocupantes. Não?

Kieslowski e a busca do bem

Considero impossível assistir a qualquer filme de Krzysztof Kieslowski sem ser, de alguma forma, afetado pelo que vemos. Esse cineasta polonês fez mais de 30 filmes em uma carreira que se iniciou em 1966 e, voluntariamente, se encerrou em 1994. Seus últimos filmes foram especialmente bem sucedidos, tanto em termos de público quanto de crítica. Entre eles se destacam *A Fraternidade é Vermelha* (1994), *A*

Igualdade é Branca (1994), *A Liberdade é Azul* (1993) e *A Dupla Vida de Veronique* (1991). Os três primeiros formam a Trilogia das Cores, que foi baseada nas cores da bandeira francesa e no lema da Revolução Francesa do século XVIII: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

No final dos anos 80, Kieslowski realizou para a TV Polonesa o filme Decálogo. Composto por dez histórias, o filme apresenta dilemas morais com inspiração nos Dez Mandamentos. Mais do que simplesmente reproduzir os mandamentos a que cada parte se refere, os filmes que compõem o decálogo criam situações de dilema moral que evidenciam as dificuldades que nós humanos enfrentamos quando temos que lidar com nossas escolhas cotidianas, que nos apresentam interesses conflitantes muitas vezes.

Em *Não Cobiçarás a Mulher do Próximo* temos a estória de um cirurgião que descobre que sua mulher está tendo um relacionamento amoroso com outro homem. Em uma cena, Roman, o cirurgião consegue posse da chave do apartamento onde Hanka, sua esposa, e Marius, o amante, se encontravam. Roman decide fazer uma cópia da chave e a cena da máquina de reproduzir chaves foi inspiradora para mim.

A chave representa apenas uma ferramenta, vai permitir a Roman ter certeza do que desconfiava. Mas, como ferramenta, não vai além disso. A chave em nada pode ajudar Roman sobre como agir após a confirmação de suas suspeitas.

De igual forma, para mim as ferramentas administrativas são limitadas. Elas ajudam o administrador a enxergar uma situação organizacional melhor, mas pouco podem fazer em relação ao agir administrativo. A prática da Administração é muito mais do que usar ferramentas de planejamento, diagnóstico e prospecção. A Administração depende da interpretação que o profissional faz daquilo que está vendo. Não é possível agir sempre da mesma maneira, pois no agir administrativo temos a interação com os outros, seus interesses, sua influência, sua propensão a colaborar ou sua inclinação à resistência. Ou

seja, as ferramentas são como a chave de Roman, apenas abrem as portas, nada dizem sobre o que fazer depois da porta aberta.

Se reconhecermos essa limitação das ferramentas administrativas, temos que reconhecer as implicações disso para o ensino da Administração. Ora, não é suficiente ensinarmos o uso de ferramentas para o futuro profissional de Administração. Precisamos buscar formas de prepará-lo para um agir competente que extrapola o uso das ferramentas e que conduz a organização para o fim desejado. Ou seja, para que serve a Administração?

Meus amigos Ariston e Paulo apresentam uma visão provocadora sobre o papel da Administração na vida humana. Para eles,

(...) a administração é uma ação virtuosa... ela se dá no âmbito das organizações, como formas sociais modernas que produzem bens úteis. Embora o seu âmbito de ocorrência seja as organizações, isto não significa dizer que as mesmas encerrem sua finalidade. Pelo contrário, a finalidade da administração ultrapassa os fins organizacionais, pois que está teleologicamente comprometida com a existência humana; não uma existência qualquer, diga-se, mas aquela em que o homem vive bem (Azevedo & Grave, 2008).

É nesse ponto que me vem à mente uma cena do *Não Levantarás Falso Testemunho*. Nesse episódio do Decálogo somos apresentados a uma professora de Ética que recebe a visita de sua tradutora nos Estados Unidos. O que a professora não sabe é que sua vida está ligada à da tradutora de uma forma muito mais complexa do que a relação acadêmica. Em determinado momento do filme, a tradutora pergunta à professora sobre como ela ensina. A professora diz que procura auxiliar seus alunos de forma que eles possam chegar a suas próprias conclusões. A tradutora insiste: Para chegar onde? E a professora complementa de forma emocionante: para chegar ao bem. Às vezes o mal predomina, mas precisamos chegar ao bem. Pois é, é impossível assistir a Kieslowski sem ser afetado pelo que vemos! Uma obra que merece ser apreciada!

Carne de cavalo para inglês comer?

Assistir ao musical *Os Miseráveis*, dirigido por Tom Hooper, com a participação de Hugh Jackman, Russell Crowe e Anne Hathaway, foi uma experiência emocionante. É claro que o romance de Victor Hugo, do qual o musical da Broadway é uma adaptação que, em seguida, foi transformada em filme, narra uma estória que toca mesmo o mais insensível dos corações. Mas ver essa história contada no formato de musical acentua sua dramaticidade e acaba forçando uma reflexão sobre os caminhos humanos nesse planeta em que habitamos.

Mas, para mim, Helena Bonham Carter e Sacha Baron Cohen, que interpretam a Madame e Monsieur Thénardier estão tão bem ou melhor que Hugh Jackman e Anne Hathaway indicados para Oscar de melhor ator e melhor atriz coadjuvante. O casal vivido por Helena e Sacha, donos de uma estalagem, são apresentados em uma cena hilariante e muito dinâmica, na estalagem que conduzem, fazendo uma série de trapagens e artimanhas com seus fregueses. Há um momento na cena em que aparece uma máquina moedora de carnes, com os dois personagens preparando uma mistura que leva de tudo: carne de boi, fígado de cavalo, intestino de porco, rabo de gato, etc. Impossível não se lembrar do mais recente escândalo da carne de cavalo encontrada nas lasanhas congeladas comercializadas na Inglaterra como se fossem feitas com carne bovina. Coincidência: o filme também é uma produção inglesa.

Esta cena do filme me trouxe à lembrança, de novo, a noção da responsabilidade social corporativa. Ora, o recente caso da carne de cavalo nas lasanhas congeladas é mais um exemplo de como a responsabilidade social corporativa é difícil de acontecer na prática. Nesse caso, o consumidor tem todo o direito de saber que está comprando *gato por lebre*, quer dizer, cavalo por boi! Mais ainda, é preciso ter certeza de que a carne não veio de cavalos tratados com substâncias que possam causar dano à saúde humana.

Na época retratada por Victor Hugo, essa discussão ainda não estava presente, o casal Thénardier podia produzir sua carne moída peculiar sem muita preocupação, mas hoje em dia esse comportamento é inaceitável. Mas o romance de Victor Hugo mostrou uma situação de desigualdade social extrema, que ainda, em muitas partes de nosso mundo, está presente.

(Ins)Pirações: Uma Mistura De Cinematografias Com Responsabilidade Social Corporativa

Godard, em *Pierrot Le Fou*, faz em seu filme, de 1965, uma homenagem ao cinema. Passeia por diversos gêneros e estilos – comédia, musical, surrealismo, gangsteres, drama. Ferdinand e Marianne buscam, no sul da França, o que a sociedade não lhes oferece.

Faroeste Caboclo, filme brasileiro lançado em 2013, inspirado na música de Renato Russo e dirigido por Renê Sampaio, retrata impossibilidades da vida ao contar a estória do encontro e paixão, em nossa capital federal, entre João do Santo Cristo e Maria Lucia, vividos por Fabrício Boliveira e Ísis Valverde. Plano piloto e Ceilândia, dois mundos distantes, mas geograficamente próximos, são o palco deste *Romeu e Julieta* brasileiro. Mais uma vez, a sociedade separa aqueles que o coração uniu.

O Amante da Rainha, dirigido por Nikolaj Arcel, narra a história de Caroline Mathilde, casada com Christian VII, rei da Dinamarca, que se apaixona pelo médico do rei, Johann Struensee. Struensee é um iluminista que, após ganhar a confiança do rei, se aproveita de sua loucura para destituir o Conselho Real. Christian VII acaba dando plenos poderes ao médico que, guiado pelas ideias iluministas, introduz alterações na vida do povo dinamarquês. Da paixão entre Caroline Mathilde e Johann Struensee nasce uma filha. Descoberta a traição, igreja e nobreza voltam ao poder e desfazem os avanços sociais implantados.

Traição, paixão e transformação. Absurdo, violência e poder. Temas que perpassam as três histórias. Qual é o espaço do indivíduo e do coletivo em nossa sociedade capitalista? Como conciliar nossos desejos e aspirações individuais com a do outro? França de 1965, anos 70 no Brasil, último quarto do século XVIII na Dinamarca. Espaços e épocas distintas, mas com as mesmas questões humanas mal resolvidas.

Godard, em 1965, já comentava sobre o consumismo. Nos momentos iniciais de *Pierrot Le Fou*, Ferdinand caminha entre os convivas de uma festa que dialogam com frases que são retiradas de propagandas de produtos. Deliciosamente surreal! *Faroeste Caboclo* mostra a impossibilidade do rompimento das barreiras sociais e de raça. A futilidade das tentativas de aproximação entre dois mundos. N'O *Amante da Rainha* surge a esperança do iluminismo. O conhecimento científico se opondo à tradição e à religião. O primeiro *round* dessa luta é vencido pelos iluministas, no segundo vencem religião e nobreza. E depois? Jean Luc Godard, Renê Oliveira e Nikolja Arcel despertaram as duas forças conflituosas em movimento no meu cérebro. Um embate entre a descrença em solução possível e a crença na possibilidade, ainda que lenta, de uma transformação positiva. Desse conflito surge a síntese: a esperança.

Em *Pierrot Le Fou* há uma cena inspiradora. Ferdinand, interpretado por Jean Paul Belmondo, e Marianne, por Anna Karina, estão em uma estrada, conversando dentro do carro em movimento. São vistos por trás. Ferdinand comenta sobre fala de Marianne: *as mulheres só querem divertimento*. Marianne responde: *para quem você está falando?* Ferdinand responde: *para a plateia*. Marianne olha para trás em direção à câmera. Momento sublime, suavemente irônico, em que Godard revela a câmera ao espectador e nos lembra que o que vemos é um filme. Será que os administradores que discursam sobre responsabilidade social corporativa não estão falando só para a plateia?

Em Faroeste Caboclo a tragédia nos lembra da impossibilidade do convívio. Pessimista, reforça minha descrença. Duzentos anos depois do nascimento dos ideais iluministas, as desigualdades permanecem! Caminhamos tão lentamente!

Por fim, a esperança d'*O Amante da Rainha*. O filme é uma carta de Caroline para seus dois filhos, Frederick e Louise Augusta. Separada dos dois pelo exílio, Caroline conta para eles a sua história e conclui: sei que vocês me deixarão orgulhosa. Outras gerações serão capazes de fazer o que não fizemos? Espero que haja tempo!

À Guisa de Conclusão

A experiência de assistir a um filme pode ser mais que entretenimento. Em busca do "bom cinema" imagino que este é aquele que dá à pessoa uma sensação de prazer. Mas o prazer tem várias faces. Pode ser um prazer estético, que vem da fruição de coisas belas. Pode ser um prazer relaxante, ao permitir que o espectador se afaste da pressão do cotidiano durante algum tempo de sua vida. Pode ser educativo, ao informar algo que desconhecíamos. Pode ser um prazer sensual, ao despertar emoções ligadas ao desejo. As fontes de prazer cinematográfico são inúmeras, não consigo exaurir essa questão. Mas a experiência cinematográfica é única para cada um e, dentro de um mínimo de qualidade técnica, no que consiste um bom cinema é uma resposta múltipla.

Ao assistir *Barbara*, filme alemão dirigido por Christian Petzold, tive uma experiência fílmica que me iluminou a respeito do que é o bom cinema para mim. A sinopse do filme não revela muito:

No verão de 1980, *Barbara*, uma médica da Alemanha Oriental, tenta tirar um visto para poder sair do país. Como punição, ela é transferida de Berlim para um pequeno hospital no interior do país. Jörg, seu amante do lado ocidental, planeja sua fuga. *Barbara* espera. O apartamento novo, os vizinhos, o clima de verão e do interior – nada

disso significa nada para ela. Trabalhando como cirurgiã pediátrica, ela é atenciosa com os pacientes, mas bastante distante em relação aos colegas. Com o dia de sua fuga se aproximando rapidamente, Barbara começa a perder o controle sobre si mesma, seus planos, sobre o amor. (Bárbara, 2012).

Barbara conhece André, seu chefe nesse hospital. É no desenvolvimento dessa relação que surgiu, nesse filme, uma compreensão, para mim, de como eu respondo à ideia do que é o bom cinema. André é o chefe de Barbara; um dia ele mostra a Barbara o laboratório que conseguiu montar no pequeno hospital do interior. Em uma das paredes, como peça de decoração, há uma reprodução da tela *Aula de Anatomia do Dr Tulp*, (http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/rembrandt.htm, recuperado em 13, julho, 2013), um dos quadros mais famosos desse pintor holandês.

A reprodução chama a atenção de Barbara. Nessa cena, André mostra a Barbara um erro na tela e, ao comentar sobre isso, afirma:

- *Rembrandt quer nos mostrar algo que não podemos ver.*

Ao ouvir (ler) essa frase (não sei alemão!), me veio imediatamente à mente o que significa o bom cinema para mim. Mais do que entretenimento, mais do que informação, mais do que sensualidade, para mim o bom cinema é aquele que tenta me mostrar o que não consigo ver. É o caso de Barbara!

Assim como Rembrandt, na tela, parece querer mostrar-nos algo que os personagens do quadro estavam vendo, os bons filmes são experiências em que tenho a sensação de ter visto algo novo, algo cujo significado vai além do entretenimento. Que me faz pensar sobre a condição humana.

Enfim, após essas experiências de "bom cinema", continuo sendo cético em relação à possibilidade de uma prática de responsabilidade social corporativa nas empresas de nossa sociedade. Para mim, há um conflito primordial entre a noção de sustentabilidade, que orienta a responsabilidade social corporativa, e nosso modo de vida.

Sustentabilidade é incompatível com a propriedade privada! Não é possível otimizar decisões que combinem aspectos econômicos, ambientais e sociais. Em nosso sistema de vida, a viabilidade econômica, orientada pela busca do lucro máximo, será sempre o fator dominante e, assim sendo, se não for viável economicamente, a ação será abandonada, ou terá suas preocupações sociais e ambientais diminuídas.

Referências

- Alea, T. G. (1984). *Dialética do espectador: seis ensaios do mais laureado cineasta cubano*. São Paulo: Summus.
- Aligleri, L., Aligleri, L. A., & Kruglianskas, I. (2009). *Gestão Socioambiental: responsabilidade e sustentabilidade do negócio*. São Paulo: Atlas.
- Azevedo, A., & Grave, P. S. (2008). Prolegômenos a toda administração possível: administração - o que é isso?. *Anais Eletrônicos do XXXII Encontro Anual da ANPAD*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Petzold, C. (Diretor). (2012). *Bárbara*. [Filme]. Retirado de <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=15130>
- Carroll, A. (1991). The pyramid of corporate social responsibility: toward the moral management of organizational stakeholders. *Business Horizons*, 34(4), 39-48.
- Pereira, M. (2004). Um olhar sobre o cinema de Pasolini. *ALCEU*, 5(9), 14-26.
- Veiga, J. E. (2008). *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Garamond.
- Xavier, I. (1977). *O Discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.